

inexplicável, excessivo —
espertem; e não se trata de
ro, da sua essência, da sua

ara o ressurgimento da arte
atro ressurgirá porque deve
alma humana, em que se
ógica e fantasia, realidade
ério e luz meridiana. Res-

GINO SAVIOTTI

AMANT ALTERNA CAMOENAE



À lua

Pálida lua, nunca esquecer posso
Que há um ano atrás, aqui desta colina
Eu vinha, com tristeza, remirar-te:
E tu pendias sobre aquele bosque,
Banhando-o, como agora, em teu clarão.
Mas, nebuloso e trémulo do pranto
Que aos cílios me assomava, ao meu olhar
Teu rosto aparecia — pois pesada
A vida me era... — E é, pois não mudou.
Balsâmico, porém, é para mim
Recordar e contar a duração
Da minha dor — tal como nos é grato
Na idade juvenil, quando inda larga
É a esperança e a memória é pronta,
O relembrar da vida já vivida
— Mesmo que triste fosse e os males durem.

GIACOMO LEOPARDI

(1798-1837)

(Versão de Olívia Guerra)

Ironia

Quando, menino, busquei
Com as Musas entender-me,
A mão veio uma estender-me
Para, com essa mão fina,
Me conduzir mansamente
A ver a sua oficina.
Mostrou-me, parte por parte,
Os instrumentos da Arte
E os empregos mais diversos
Que a cada um há que dar,
Quando se quer trabalhar
— Seja prosa, sejam versos.
Eu olhei e perguntei:
— «Musa, e a lima onde está?»
Ela a resposta me dá:
— «Gastou-se. É passar sem ela».
E eu insisti: — «Entretanto,
Não pode ser afinada,
Toda a vez que está cansada?»
— «Talvez pudesse... Porém,
Falta o tempo para tanto...»

GIACOMO LEOPARDI
(1798-1837)

(Versão de Oliva Guerra)

Caim

Sobre a areia fabulosa
O seu pé corre tão leve...
Oh! pastor de lobos,
Tens os dentes da luz dura
Que penetra os nossos dias.
Terroros, arremessos...
Estertor de florestas, mão que quebra,
Como um nada, os carvalhos seculares,
— Eis a imagem do nosso coração.

Quando a hora é já de treva,
És tu que assomas, a rir,
Por entre o encanto das árvores?

Enquanto, com avidez
Essa hora vai fugindo,
Tu vagueias assombrado,
Fugindo também de mim.

Ah! poder dormir
Como uma fonte na sombra!

Logo ao nascer da manhã,
Oh! alma, te acolheria
Uma onda de sossego.

Alma, jamais te acalmarei?

Jamais penetrarei na noite do meu sangue?

Filha importuna do tédio,
Memória, memória infinda,
As nuvens da tua poeira
Vento não há que as arraste?

Meus olhos volveriam à inocência,
Seria eterna a minha primavera.

E, finalmente, de novo,
Oh, memória, então foras honesta.

GIUSEPPE UNGARETTI

(Versão de Oliva Guerra)



Prece

Quão doce antes do homem
 Devia ser o mundo.
 O homem só teve ideias demoníacas:
 A luxúria conveio em chamar céu,
 A ilusão deu papel de criadora,
 O momento supôs eternidade.
 A vida é para ele um peso enorme,
 Tal como as asas de uma abelha morta:
 Para a frágil formiga que as arrasta.
 Entre o que permanece e o que passa,
 Senhor, sonho imutável,
 Firma uma nova aliança!
 Digna-te serenar estes teus filhos,
 Fazendo o homem sentir uma vez mais
 Que, como homem, tu próprio a ti subiste
 Por meio do infinito sofrimento.
 Sê o exemplo, o mistério!
 Purificante amor,
 Da carne enganadora
 Faze escada de resgate,
 Pois eu quero, de novo, ouvir dizer
 Como em ti, finalmente libertadas,
 As almas se unirão
 Para, a teus pés, dormirem afinal,
 Eterna humanidade,
 Um sono de ventura permanente.

GIUSEPPE UNGARETTI

(Versão de Oliva Guerra)

Quem sou?

Quem sou?
 Serei um poeta?
 Não, certamente.
 Uma palavra estranha,
 Uma sòmente,
 Escrever pode
 A minha pena amarga e escura:
 — Loucura.

Sou acaso um pintor?
 Também não.
 Minha paleta
 Não tem mais que uma cor,
 Monótona e sem beleza:
 — Tristeza.

Serei um músico, pois?
 Ainda menos.
 Uma só nota há no teclado
 Da minha alma sombria:
 — Nostalgia.

Quem sou, pois, quem sou então?
 Ponho uma lente clara
 Diante do coração
 E mostro-o a toda a gente.
 Quereis saber quem eu sou?
 Apenas o saltimbanco
 Da minha própria alma doente.

ALDO PALAZZESCHI

(Versão de Oliva Guerra)

Hora da sesta

Hora da sesta. Numa paz absorta,
Junto ao muro arruinado de uma horta,
Oíço por entre os tojos crus e hostis
Melros saltando, rastejar reptis;

Nas fendas do terreno ou sobre as plantas
As formigas, em filas serpentinadas,
Que ora se quebram, ora se entrelaçam,
Vão subindo minúsculas colinas;

Vejo ao longe, entre as frondes, palpitar
As escamas aquáticas do mar,
Enquanto se erguem trémulos descantes
De cigarras, nos píncaros distantes;

E à luz do sol, eu sinto obscuramente,
Espionando o mundo com os olhos mudos,
Como afinal é toda a nossa vida
Em sua inútil, sua inquieta lida,
Um muro apenas meio derruído,
Cujo dorso agressivo é defendido
Por vidros de garrafa pontiagudos.

EUGENIO MONTALE

(Versão de Oliva Guerra)

O burgo

Foi nas ruas deste Burgo
Que qualquer coisa de novo
Em mim se passou um dia.

Foi como que um vão suspiro,
Um desejo indefinível
De me ausentar de mim próprio,
De viver a vida
De todos,
De ser como todos
Os homens de todos
Os dias.

Nunca tive tão grande alegria
Nem havê-la na vida já espero.
Então eu tinha vinte anos
E, lembro-me, estava doente.
Pelas novas estradas do Burgo
Apoderou-se de mim
Como que um vago desejo,
Tão vago como um suspiro.

Onde, no doce tempo da infância,
Eu via poucas casinhas
Espalhadas, a treparem
Pela nudez da colina,
Um novo Burgo surgia
Fervilhante de humano trabalho.

Nele foi que então sofri
 O vago e doce desejo
 De a minha vida integrar
 Na ardente vida de todos,
 De ser como todos
 Os homens de todos
 Os dias.

Quisera a fé possuir
 De todos, dizer palavras, fazer
 Coisas que os mais entendessem,
 Que, como o vinho e o pão, fossem,
 Como os meninos e as mães,
 Simples valores de todos.
 Mas um cantinho — ai de mim! —
 Deixei ainda ao desejo,
 — Frestazinha luminosa
 Para dela me olhar e gozar
 Uma alegria nascida
 De já não ser, enfim, eu,
 De ser sòmente entre os homens
 Também, como eles, um homem.

Nascido de obscuros revezes,
 Curto foi esse desejo
 — Um breve suspiro, apenas —
 Que eu consegui encontrar,
 Qual eco perdido e moço,
 Por entre as ruas do Burgo,
 Mudadas tanto como eu.
 Sobre a fachada das casas,
 Sobre os homens e os trabalhos,
 Sobre, enfim, todas as coisas
 Desceu o véu da incerteza
 Que envolve o que é transitório
 Na efémera vida humana.

A igreja é sempre amarela,
 O prado que a cerca é verde.
 No mar que diviso ao fundo,
 Há só um navio enorme
 Que, imóvel, descai de lado.
 Formas, cores,
 Um efémero mundo,
 De que nasceu meu vil e vão suspiro.
 Formas e cores,
 Outras criei, ficando a sós
 Com o meu duro tormento,
 A espera sempre da morte.

A este Burgo ou a outro
 Voltarão um dia as flores,
 E a minha vida outro há-de revivê-la
 — Um outro que, no ardor da mocidade,
 Terá talvez sonhado e esperado
 A sua vida integrar
 Dentro da vida de todos,
 E ser também como todos
 Os homens que então
 Hão-de viver sobre o mundo.

UMBERTO SABA

(Versão de Oliva Guerra)

Exortação

Se tu fosses melhor! se, humildemente,
os amargos desígnios do destino
aceitasses sem gritos nem protestos:
se a tua vida aceitasses tal qual é!
Não te seria tão penoso abrir
os olhos, de manhã, ao despertar,
nem tão cruel seria esse castigo
dum novo dia com os seus cansaços
e penas e aflições sem redenção.
Devias ser mais dócil e dizeres -
para ti: — Coração ambicioso,
um grande, imenso bem já tu sentiste:
sê contente do pranto e mal também,
que o mal e o pranto são também a vida.
Pensa: há sempre na horta amendoeiras
com suas níveas flores em abril:
e, em ti, a evocação de tua mãe
que lembrava uma cotovia em cima
dos ramos, mesmo em horas mais adversas;
e a certeza de ser's o corpo e a alma
que Deus te deu para que sejas dele
testemunha na terra e a Ele um dia
a alma entregues, em morrendo o corpo.
Nada mais te pertence: é já bastante,
já suprema é a graça.

Oh! se tu fosses
melhor; e se aprendesses a sofrer
sorrindo e obedecer no sofrimento
ao teu Deus, que te exige mais serena
virtude quanto mais penas tu sofres!

ADA NEGRI

(Versão de Arminda Gonçalves)

O prado

Num prado havia numerosas ervas
de mistura com flores amarelas,
brancas e roxas; e, entre elas, havia
um alegre murmúrio de pequenas
vidas felizes. E, se brando o vento
soprava sobre a erva e sobre as flores
curvando as hastes, todo o prado ao sol
tomava uma outra cor.
Também eu, pondo os leves pés naquela
frescura, e cheia a alma de canções,
eu mudava também de cor ao vento,
que ignorava se eu era haste ou mulher.
Voavam borboletas como pétalas
soltas dos caules. Rápidos perdiam-se
meus pensamentos nessa dança aérea,
onde a asa era a flor e a flor a asa.

Mas onde era esse prado? Não o sei.
E esse vento suave que descia
sobre a erva e as corolas a curvá-las
e tornando-as, e a mim também, felizes?
Em que tempo o encontrei? Também o ignoro.
Foi um sonho, talvez. E que outro, ó vida,
te devia pedir? Vida perdida,
na realidade não és mais que um sonho.

ADA NEGRI

(Versão de Arminda Gonçalves)

Pensamento de Abril

Contudo a vida é bela, minha alma:
é bela, ao menos, pelos claros dias
em que as folhas nos ramos, uma a uma,
procuram despontar primeiro. E vê-las
tão transparentes, tão tenras, que as asas
se te abrem ao mirá-las. Como podes
tanto saber do mundo e não saber
como se tornam verdes as folhinhas
dentro da casca e novas se apresentam,
a rir, ao sol que as chama novamente?
A tua longa estrada que te importa?
Que importa que te houvessem arrancado
a esperança que mais cara te foi,
traída por quem mais fiel julgaste,
se te é dado gozar esta alegria
que sempre se renova? Tu bem sabes
que ela vem no seu tempo porque nunca,
no decorrer dos anos,
deixou de vicejar a primavera
e jamais existiu sem verdes folhas
o moço abril.

ADA NEGRI

(Versão de Arminda Gonçalves)

Acções de graça

Os rebentos das glicínias

Obrigada, Senhor, pelos rebentos
das glicínias, que voltam co'o regresso
de abril, tão lindos que, mirando-os, julgo
em voz baixa dizer uma oração.
São mimosos invólucros de seda
esmaecida entre o cinzento e o roxo
e entre uma nuvem de prateado pó
que me fica nos dedos se lhes toco.
Leves crisálidas, em si fechados,
têm dentro, a dormir ainda, o cacho
ao qual o sol e a sazonzante chuva,
aos poucos do seu véu libertarão.
Será então um inclinar dos densos
cachos de longos bagos violáceos
cheios de aroma doce-amargo; e um surdo
zunido das abelhas procurando
colher néctar na polpa succulenta;
e será para mim doce langor
de belos sonhos à sombra da pérgula
em maio, quando é já tão quente o sol.

Na menina que um dia foi a irmã
destes leves rebentos, que em si mesma
conteve toda a minha densa vida,
eu posso, recordando, transformar-me
sem dor. E de, afinal, estar liberta
dos meus próprios lamentos, remozada,
obrigada, Senhor.

Os espinhos de Cristo

Obrigada, Senhor, pelos espinhos
que, pobremente, vestem as robínias
enquanto, com a Páscoa, chega, a rir,
a estação da alegria; espinhos longos
e selvagens de pontas muito agudas.
Estendem as robínias os seus ramos
como a ferir, enquanto ri na terra
Primavera com olhos das violetas,
Primavera com voos das andorinhas,
Primavera tão bela em seu florir.
Lembro ao mirá-las: quem puder guardar
dentro do peito até à hora extrema
os seus espinhos, sem um grito ou pranto
que os denuncie, terá a alma salva
no fulgente esplendor da vida eterna.
Tão nuas como a Cruz e, entretecendo,
com acúleos esquálidas coroas
de Paixão, elas fazem-me pensar
em Jesus Cristo gotejando sangue
sob a coroa que Lhe pôs o homem,
e, no meu coração, o seu Calvário
eu subo, novamente.

A mãe

Obrigada, Senhor, pela mulher
que, da varanda, agora, o seu menino
me mostrou. Eram mãe e filho. E ao sol,
numa auréola de oiro, eram mais loiras
suas cabeças. Eu não a conheço
nem sei se é venturosa ou infeliz
a sua mocidade. Sei apenas
que é mulher e que a mim, também mulher,
o seu filho mostrou p'ra que eu pensasse:
«Como é lindo! Não há outro no mundo

mais lindo; e não há mãe mais orgulhosa
da vida que saiu da sua vida.»
Que mais me revelou a vida, um dia,
que mais, além da filha do meu sangue
que no ventre gerei e trouxe ao colo?
E não me encontrarei nessa mulher
que a imaculada Virgem me lembrou
com seu Deus entre os braços? Não são todas
as mães a carne e o coração dos filhos?

Pelo sorriso dela
naquele acto de amor; pelo sorriso
que existe sobre a terra em cada mãe
e foi meu, quando em mim, divina, a vida
prestou o prodígio do materno amor,
obrigada, Senhor.

A terra

Obrigada, Senhor, pela planície
contemplativa, imensa e sossegada
que daqui vejo; e pela azenha, ao fundo,
que, entre folhas caídas, gira lenta.
Outra alegria não peço aos meus olhos
(foram amados e, se ainda brilham,
é da chama que o amor lhes pôs outrora)
além da quieta vastidão do campo
em que as antigas e as futuras messes
sinto, e o constante labutar dos filhos
sobre os rastos paternos: um veloz
prosseguir de milénios: um momento.
Ontem cavou-o a enxada: hoje repousa:
espera o arado e logo a sementeira.
Assim o amo em sua cor escura,
quase roxo ao crepúsculo da tarde
por um presságio de melancolia.
Terra minha, só terra: ao tacto, rude:
suave ao coração: cheia de força,

misteriosa: se, na mão, recolho
 um pouco dela, eu julgo que uma parte
 de mim aperto: a mais escura e funda.
 Terra que não reflecte o céu, mas desde
 a aurora à noite e desde a noite à aurora
 o contempla. Bem sabe que está longe
 e, por isso, em espiga se transforma,
 e em bandeira de milho e em fruto e em flor.
 E assim, à noite, o chama no submisso
 cantar dos grilos, que é todo um suspiro,
 o seio erguendo em ondas lamentosas.
 Guarda de minha mãe o rosto augusto
 e em si, dentro de si, ciosamente,
 tem as minhas raízes como faz
 àquelas amoreiras e aos salgueiros
 que daqui vejo. Eu já julguei andar
 para desconhecida liberdade
 sem regressar. Mas às próprias raízes
 jamais se mente; e só aqui, eu sei,
 à verdadeira liberdade, a vida
 abandono; e na terra eu seja terra.

E, se nela fizer como a semente
 que, para renascer na espiga, morre,
 obrigada, Senhor.

ADA NEGRI

(Versão de Arminda Gonçalves)

La Barca d'Inferno

(È il primo dei tre Auto della famosa cosiddetta **TRILOGIA DELLE BARCHE**.
 La scena rappresenta un braccio di mare, con a riva la nave del **Diavolo** accompagnato da
 un suo **Mozzo** e, più in là, quella dell'**Angelo** che dovrebbe guidare al Purgatorio. Tranne
 uno **Scemo** («Beati i poveri di spirito!»), che già s'è piazzato in quest'ultima, tutti gli altri
 morti che vanno arrivando finiscono inevitabilmente nel legno infernale. Sono già a
 posto un **Fidalgo**, un **Usuraio**, la mezzana **Brigida**, un **Calzolaio**, un **Frate**. Giungeranno
 ora un **Giudeo**, un **Correttore** e un **Procuratore**).

*Viene un Giudeo, con un capro sulle
 spalle.*

GIUDEO
 DIAVOLO
 GIUDEO
 DIAVOLO
 GIUDEO
 DIAVOLO
 GIUDEO
 DIAVOLO

Che si fa, ohi, marinaio?
 Ahi, che in malora giungete!...
 Di chi è la barca che avete?
 Questa barca è del barcaro.
 Prendimi, pel mio denaro!
 E pure il capro ha a venire?
 Certo che m'ha da seguire.
 Che passeggiere preclaro!...

GIUDEO
 DIAVOLO
 GIUDEO

Senza capro non si va!
 Ed io non passo caproni!
 Eccovi quattro soldoni,
 e ancor più vi si darà.
 Per il mio buon Sem Farà,
 sù, passatemi il mio becco!
 Se volete altro soldo, eccolo!
 Neppur tu entraresti qua! ⁽¹⁾

DIAVOLO

⁽¹⁾ Fosse per denaro, neanche tu entraresti!

GIUDEO

(al Fidalgo)

DIAVOLO

GIUDEO

Al giudeo non sarà dato
star dove Brigida sta?
Al signor usciere va? ⁽¹⁾
Signor usciere, accordato?
E al fidalgo chi gli ha dato
il comando del battello?
Correttore, colonnello,
castigate sto screanzato!

Grandine grossa e minuta,
fango, rogna, fuoco, legni,
cagarella che ti impregni
con diarrea arciaacuta;
per il dio che ti tramuti
acceffandoti il sedere,
ti fai burla d'un usciere,
dimmi, figlio di cornuta?

SCEMO

DIAVOLO

SCEMO

Hai la capretta rubata
tu, caprone?... Sembri, sì,
una zecca d'Alcotim
in un gambero insertata!
Eh, la tua sarà un'andata
nella qual poco si porti!
Ma se ha pisciato sui morti,
di San Giuliano all'entrata!...

DIAVOLO

Mangiò carne alla padella
in di di Nostro Signore,
e poi in essa, salvonore! ⁽²⁾,
sempre fe' una pisciatella!
Diam sù vela, a buona stella!
Tu, giudeo, fior di briccone,
agguinzaglia il tuo caprone
e con questi altri affastellati!

⁽¹⁾ Per errore, o più probabilmente per lusinga e sperando farsene un alleato, il Giudeo scambia il Fidalgo per un ufficiale giudiziario, e perfino per un Correttore o un Colonnello.

⁽²⁾ In quei tempi la parola *salvonore*, sostantivata, significava *deretano*.

*Viene un Correttore e, giunto presso
la Barca d'Inferno:*

CORRETTORE

DIAVOLO

CORRETTORE

DIAVOLO

CORRETTORE

DIAVOLO

CORRETTORE

DIAVOLO

CORRETTORE

DIAVOLO

CORRETTORE

DIAVOLO

CORRETTORE

DIAVOLO

(al Mozzo)

CORRETTORE

DIAVOLO

CORRETTORE

DIAVOLO

Della barca!

Che volete?

Qui c'è il Giudice, se lice!

Oh, amatore di pernice,
quante scartoffie traete!...Dal mio volto ben vedrete
che non le ho per mio profitto.

Come va lassù il Diritto?

Dalle carte lo saprete.

Dunque entrate, e sì vedremo
cosa c'è in questo papello.

E per dove va il battello?

Nell'inferno vi porremo.

Come, alla terra dei dèmoni
anderà un Correggitore?Santo mio Scorreggitore,
v'imbarcate, e remeremo!Entrate or, già che giungeste!
*Non est de regula iuris!**Ita, ita*, si figurì;

vi darò un remo di questi.

Fate conto che nasceste

per nostro compagno al mondo!

Che fai tu là, vagabondo?

Sù con la plancia, al più presto!

Non vo' io tal comitanza,
né vo' tal viaggio fare!

Or non havvi usciere di mare?

No, non ècci costumanza.

Mi rifiuto all'imbarcanza,

perchè *hoc non potest esse!*

Meglio fia se vi paresse,

ch'io non uso altra parlanza.

CORRETTORE Dunque entrate, Correttore!
 Oh, *videtis qui petatis!* ⁽¹⁾
Super iure maiestatis
 DIAVOLO ha il vostro ordine vigore?
 Quando eravate uditore
nonne accepistis rapina? ⁽²⁾
 Ora andrete alla bolina ⁽³⁾
 a piacer mio, Vostr'Onore!...

CORRETTORE Bell'ésca questo papello
 per un bel fuoco dei miei!
 DIAVOLO *Domine, memento mei!*
Non est tempus, sor baccello! ⁽⁴⁾
Imbarchemini in battello,
quia iudicastis malitia!
 CORRETTORE *Semper ego in iustitia*
feci, et in alto livello!

DIAVOLO Ed i lecchi dei giudei
 che vostra moglie accaffava?
 CORRETTORE Questi non io li pigliava,
 non eran guadagni miei.
Non sunt peccatus meus,
peccavit uxor mea.
 DIAVOLO *Et vobis quoque cum ea:*
nemo timuistis Deus!

A tutto spiano *adquiristis*
sanguinis laboratorum,
 ignoranti *peccatorum*
ut quid eos non audistis.

⁽¹⁾ Inutile avvertire che si tratta di latino maccheronico, come più avanti lo stesso Scemo dirà.

⁽²⁾ Denaro dalle parti?

⁽³⁾ A tirar la bolina. Maniera come un'altra per dirgli che deve lavorare alla manovra.

⁽⁴⁾ Per baccelliere.

CORRETTORE Nocchiero, *nonne legistis*
 che l'oro everge le rocche?
 Tacciono tutte le bocche
si aliquid tradidistis. ⁽¹⁾

DIAVOLO Ora via pei negri fati:
 giù nel lago dei... consoli,
 e vedrete i pennaioli
 come stan bene alloggiati!
 CORRETTORE Ed in quei luoghi dannati
 sonvi pur gli Evangelisti? ⁽²⁾
 DIAVOLO Tutti i truffaldini tristi
 stan bravamente acconciati.

Arriva un Procuratore, e il Correttore,
al vederlo:

CORRETTORE Oh, signor Procuratore!...
 PROCURATORE Bacio la mano, se lice.
 Che dice il nocchier, che dice?
 DIAVOLO Che sarai buon rematore!
 Dentro, baccellier dottore:
 manovrerete la pompa!
 PROCURATORE Questo tipo che bofonchia?
 State a farmi il cuffiatore?

DIAVOLO Questa gente che qui v'ha
 in che terre fa suoi scali?
 PROCURATORE Nelle penucce infernali.
 Potta! Io certo non vo là!
 DIAVOLO Altra barca laggiù sta
 di assai più leggiadro aspetto...
 State fresco, coccoletto!
 Poche storie: entrate qua!

⁽¹⁾ Se avrai portato qualche regalo.

⁽²⁾ La domanda non manca di logica: se in quel luogo son puniti gli scribi, non vi saranno anche quelli che scrissero i Vangeli?...

CORRETTORE
PROCURATORE

Vi confessaste, dottore?
Bacelliere, prego! Ahi, scemo!,
non pensai che fosse estremo
e di morte il mio malore!

CORRETTORE

E voi, signor Correttore?
Io, sì, ben mi confessai,
però quel che graffignai
lo nascosi al confessore.

DIABOLO
CORRETTORE
DIABOLO

Perché poi, se non ridate,
non vi vogliono più assolvere:
ed è assai triste devolvere
le buone cose grattate.
Or perché non v'imbarcate?
Quia esperamus in Deo!
Sù, venite *in barco meo*;
a che prò oltre sperate?

I due vanno verso l'Angelo.

CORRETTORE

ANGELO

Oh, nocchier dei gloriosi,
noi veniam per vostre plaghe!
Oh dei documenti piaghe,
ed all'anime odiosi!
Come andate boriosi,
pur figli della scienza!
Oh, *habeatis* clemenza:
traghettate i dolorosi!

CORRETTORE

SCEMO

Ahi, gente di breviario, ⁽¹⁾
rapinastis conigliorum,
et pernis perdigotorum,
e pisciaste al campanario!
Non sarete, Angel, contrario,
ché non abbiamo altro ponte?...
Pizzardones ubi sonte?
Ego latinus macario.

CORRETTORE

SCEMO

⁽¹⁾ Di libri, di cultura.

ANGELO

La giustizia divina
qui vi manda caricati
perché ne andiate imbarcati
in quella barca infernale!
Ah, mi scansi San Marzale
da tal riva e tali fiumi!
E lassù pensan sia fumi
l'esservi qua tanto male! ⁽¹⁾

CORRETTORE

PROCURATORE
DIABOLO

Negra plancia, vieni qua,
e vediam questo segreto!
Dice un testo del decreto...
Dentro! Poi lo si dirà!

GIL VICENTE

(Séc. XV-XVI)

(Traduzione dal portoghese di Enzo Vòlture)

⁽¹⁾ Che sia tutta una fola il male di quaggiù.

Questa scena della *Barca d'Inferno* è stata tratta dalla versione italiana del *Teatro Completo* di Gil Vicente che Enzo Vòlture ha eseguito con rara perizia e una delle più importanti Case Editrici d'Italia si appresta a pubblicare. (n. d. r.)

Teatro della bambola

La piccina aveva i capelli biondi.
 La bambola pure,
 La piccina aveva gli occhi castani.
 Quelli della bambola erano azzurri.
 La piccina amava pazzamente la bambola.
 La bambola nessun sa se amava la piccina.

Ma la piccina morì.
 La bambola restò.
 Adesso nessuno neppure sa più se la piccina ama ancora la bambola.

E la bambola non entra in nessun cassetto.
 La bambola apre i coperchi di tutte le casse.
 La bambola sfonda gli sportelli di tutti gli armadi.
 La bambola è più grande che la presenza di tutte le cose.
 La bambola è dappertutto.
 La bambola empie la casa intera.

È necessario nascondere la bambola.
 È necessario che la bambola sparisca per sempre.
 È necessario uccidere, è necessario sotterrare la bambola.

La bambola.

La bambola.

CARLOS QUEIRÓS

(Versione di Enzo Vòlture)

Addio

Va', ché i miei abbracci ti schiantarono,
 e il mio amore non bacia: arde e divora.
 Più non ha fiori il mio giardino. Restarono
 torte radici che dal suolo affiorano.

Va', ché il chiaro di luna è per gli altri; per gli altri i vaghi
 vezzi: per quelli che si esercitano in serenate.
 La luna che nei laghi suscita perle tra l'onde inargentate
 non nasce più per me, che sono senza laghi.

Quando nasce per me è come uno splendor della tenebra,
 un riso dell'oscurità
 che nell'anima echeggia e che la mena
 per distanze di freddo e aridità.

Va', come se ne van tutti: e contenti, perché esperti
 della mia ripugnanza a avvolgerli nel giro
 della menzogna! Come, dolce fiore dagli occhi di zaffiro,
 potresti accompagnarmi nei deserti?

Vattene: non pregarmi ch'io ti menta;
 ti bacio i piedi per le dolci malie
 che mi offrivi; ma il tuo amore e tu ed io e quanto io senta
 che siamo noi? Che più che fantasie?

Sì: l'amor tuo sarebbe in me sì dolce e senza scosse:
 chiudere nella mia mano la lieve conchiglia del tuo seno!...
 Che soave incanto sereno
 sarebbe... Se lo fosse!

Vattene: ch'io fui chiamato a conquistare
i mondi che sono nei fondi del mio nulla.
Chi sa poi non riacquisti l'innocenza di amare!
Chi sa?... Ma ahimé, dopo quali albe, fanciulla?

Perchè, fin Là, lontano e tanto incerto è il cammino:
freddo e sublime e astratto e funesto il cammino cui agogno.
Come darti a sognare questo sogno d'un sogno?...
Va'! La tua casa è vicino.

JOSE RÉGIO

(Da *Encruzilhadas de Deus*)

(Versione di Enzio Vòlture)

Viandante

Lasciate passare chi va pel suo cammino;
lasciate passare
chi va pieno di notte e di chiarore lunare.
Lasciatelo andare in silenzio al suo destino.

Lasciatelo, ch'egli va solo
a bere acqua di sogno a qualche fonte,
o a cogliere un giaggiolo
a un giardin ch'egli sa, laggiù di fronte.

Viene dalla terra di tutti: dove dimora
e dove dopo l'alba tornerà.
E lasciatelo dunque passare, ora

che notte e solitudine lo serrano:
che sarà
una stella giù in terra.

MIGUEL TORGA

(Da *Didrio* — I.^o vol.)

(Versione di Enzio Vòlture)